

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

36 – O Pensamento e o Conhecimento Supramentais (I)

10.09.23

(Parte IV – Capítulo XXII)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2023

1

A transição da mente para a supramente
não consiste apenas em substituir a mente
por um instrumento superior
de pensamento e de conhecimento,
mas em uma mudança,
uma conversão da consciência inteira.

Não apenas um pensamento supramental deve se formar,
mas uma vontade, um sentido, uma sensibilidade supramentais

– um substituto supramental para todas as atividades
que são agora cumpridas pela mente.

Essas atividades superiores são, primeiro,
manifestadas na própria mente,
como descidas, irrupções, mensagens ou revelações
de um poder superior.

2

Em sua maioria
 elas se misturam com as ações mais comuns da mente
 e não é fácil distingui-las em nossa inexperiência do início,
 exceto por sua luz, força, alegria superiores,
 ainda mais que a mente,
 ampliada ou estimulada pela vinda frequente delas,
 apressa sua própria ação
 e imita as características externas
 da atividade supramental:
 suas operações tornam-se
 mais rápidas, mais luminosas, mais fortes e positivas,
 e chegam mesmo a uma espécie de imitação intuitiva,
 na maioria das vezes falsa,
 que busca ser a verdade luminosa e direta,
 autoexistente que,
 na verdade, ela não é.

3

O próximo passo é a formação de
 uma mente luminosa, de experiência intuitiva,
 de pensamentos, vontade, sentimentos, sensações intuitivos
 da qual as misturas da mente inferior e as intuições imitadoras
 são eliminadas de maneira progressiva;
 esse é um processo de purificação, *suddhi*,
 necessário à formação nova e à perfeição, *siddhi*.
 Ao mesmo tempo, acima da mente,
 começa a desvelar-se a fonte das atividades intuitivas
 e um modo de funcionar cada vez mais organizado
 da consciência supramental verdadeira,
 que age não na mente, mas em seu próprio plano superior.
 No final, a consciência supramental atrai para si
 a mentalidade intuitiva que ela havia criado para representá-la,
 e assume todas as atividades da consciência.

4

O processo é progressivo,
e por muito tempo com altibaixos,
pela mistura e a necessidade
de um retorno aos movimentos inferiores,
a fim de corrigi-los e transformá-los.

O poder superior e o poder inferior agem
algumas vezes de maneira alternada
– a consciência redescende das alturas que havia alcançado
e retorna a seu antigo nível,
mas sempre com alguma mudança –
e algumas vezes juntos,
em uma espécie de referência mútua.

A mente, no final,
“intuitiviza-se” por completo
e existe apenas como um canal passivo
da ação supramental;

5

mas essa condição também não é ideal
e, além do mais,
apresenta ainda certos obstáculos,
porque a ação superior deve passar ainda
por uma sustância da consciência que retarda e diminui:
a substância da consciência física.

O estágio final da mudança virá
quando a supramente ocupar
e supramentalizar o ser inteiro
e mudar mesmo os invólucros vital e físico
em um modelo de si mesma,
responsivo, sutil e impregnado de seus poderes.

O ser humano tornar-se-á então,
inteiramente, o supra-homem.

Esse, ao menos, é o processo natural e integral.

6

Seria preciso sair por completo dos presentes limites
para tentar descrever de maneira adequada
todas as características da supramente;

e não seria possível dar uma descrição completa,
visto que a supramente contém em si mesma
a unidade do infinito,
mas também a imensidade
e a multiplicidade do infinito.

Tudo o que deve ser feito agora é
indicar alguns traços proeminentes
em relação ao processo prático
da conversão no loga,
sua relação com a ação da mente
e o princípio que rege
alguns fenômenos dessa mudança.

7

A relação fundamental é que
toda ação da mente é uma derivação da supramente secreta
– embora não o saibamos até que
cheguemos a conhecer nosso self superior –

e é dessa fonte supramental que a mente
extrai tudo o que ela possui de verdade e de valor.

Todos os nossos pensamentos, vontades,
sentimentos, representações sensoriais
contêm ou têm em sua fonte,
um elemento de verdade que origina e sustenta sua existência,
por mais desviados ou falsos que sejam em aparência;

detrás deles encontra-se uma verdade maior não apreendida,
mas que se eles pudessem apreender,
os teria logo unificado, harmonizado
e, ao menos de maneira relativa, tornado completos.

8

Na prática, contudo,
a verdade que eles conseguem apreender
é diminuída em escopo,
degradada em um movimento inferior,
dividida e falsificada pela fragmentação,
afligida pela incompletude
e desfigurada pela distorção.

O conhecimento mental não é integral,
é sempre parcial.

Ele acrescenta de maneira constante
um detalhe a outro,
mas tem dificuldade em relacioná-los
da maneira certa;

suas totalidades também não são totalidades reais,
mas conjuntos incompletos,
que ele põe no lugar do conhecimento mais verdadeiro e integral.

9

E mesmo se chegasse a um tipo de conhecimento integral,
isso seria ainda uma espécie de montagem,
um arranjo mental e intelectual,
uma unidade artificial e não uma unicidade real e essencial.

Se isso fosse tudo,
poder-se-ia ainda conceber que a mente chegasse a
uma espécie de reflexão parcial
e a uma semitradição do conhecimento integral,
mas a doença radical ainda permaneceria:
esse não seria o conhecimento verdadeiro,
mas, no melhor dos casos,
apenas uma representação intelectual.

No final, a verdade mental é e será sempre
uma representação intelectual, emocional e sensorial,
não a verdade direta, não a própria verdade,
em seu corpo e em sua essência.

10

A supramente pode fazer tudo o que a mente faz,
 e apresentar, combinar detalhes
 ou o que poderia se chamar
 aspectos ou conjuntos subordinados,
 mas o faz de maneira diferente
 e em outra base.

Ao contrário da mente,
 ela não introduz desvios,
 falsas expansões,
 não sobrepõe erros;
 mesmo quando fornece um conhecimento parcial
 ela o faz em uma luz firme e exata,
 e sempre há por trás, implícita ou aberta à consciência,
 a verdade essencial da qual
 os detalhes e os conjuntos
 ou os aspectos subordinados dependem.

11

A supramente tem também um poder de representação,
 mas suas representações não são do tipo intelectual,
 elas estão impregnadas do corpo
 e da substância da luz da verdade em sua essência,
 elas são seus veículos, e não imagens de substituição.

Há, de fato, um poder de representação infinito na supramente,
 e é desse poder divino que a ação mental
 é uma espécie de representante decaído.

Essa supramente representativa tem uma ação inferior,
 naquilo que chamei a razão supramental
 – mais próxima ao mental
 e na qual o mental pode ser integrado com facilidade –
 e uma ação superior na supramente integral
 que vê todas as coisas na unidade
 e na infinitude da consciência
 e da autoexistência divinas.

12

Mas em qualquer nível,
seu modo de agir é diferente da ação mental correspondente:
ele é direto, luminoso, seguro.

Toda a inferioridade da mente vem do fato de que
ela é a operação da alma
após a sua queda na insciência e na ignorância,
e que suas tentativas de retorno ao autoconhecimento
têm sempre uma base de insciência e de ignorância.

A mente é a ignorância que tenta conhecer
ou a ignorância que recebe um conhecimento derivado:
é a operação de *Avidya*.

A supramente é sempre
a revelação de um conhecimento
inerente e autoexistente:
essa é a operação de *Vidya*.

13

Uma segunda diferença que experienciamos é
uma harmonia e unidade maiores, espontâneas.

Toda consciência é uma,
mas na ação ela assume múltiplos movimentos
e cada um desses movimentos fundamentais
possui muitas formas e processos.

As formas e os processos da consciência mental
são marcados por uma divisão e separação,
perturbadoras e desconcertantes,
das energias e movimentos mentais,
em que a unidade original da mente consciente
não aparece ou aparece só por acaso.

14

Em nossa mentalidade
 nos encontramos constantemente diante de um conflito,
 de uma confusão,
 de uma ausência de acordo entre pensamentos diferentes
 ou de um acordo remendado,
 e o mesmo fenômeno se repete
 nos vários movimentos de nossa vontade,
 de nossos desejos, emoções e sentimentos.

Além do mais, nosso pensamento, vontade e sentimento
 não estão em um estado de harmonia natural
 e não agem em uníssono entre si,
 mas atuam conforme seu poder separado
 mesmo quando devem agir juntos,
 e com frequência estão em conflito
 ou em algum grau de discrepância.

15

Há também um desenvolvimento desigual,
 em que cada um cresce em detrimento do outro.

A mente é uma coisa de discórdia
 em que se edifica algum tipo de organização prática
 para os propósitos da vida,
 antes que uma concórdia satisfatória.

A razão tenta chegar a uma organização melhor,
 visa a um controle maior, a uma harmonia racional ou ideal;
 nessa tentativa ela é uma delegada ou substituta da supramente
 e tenta fazer o que só a supramente pode fazer
 e é a única que pode fazer;
 mas, na verdade, a mente é incapaz de controlar inteiramente o resto do ser
 e, em geral, há uma diferença considerável entre
 a harmonia racional ou ideal que criamos em nosso pensamento
 e o movimento da vida.

16

Mesmo no melhor dos casos,
a organização feita pela razão
tem sempre algo de artificial e imposto,
pois, no final,
existem apenas dois movimentos de harmonia espontânea:
o da vida, inconsciente ou em grande parte subconsciente
– a harmonia que encontramos
na criação animal
e na Natureza inferior –
e a harmonia do espírito.

A condição humana é um estágio de transição
– de esforço e imperfeição –
entre uma e outra,
entre a vida natural e a vida ideal ou espiritual,
e está cheia de buscas incertas e desordens.

17

Não que o ser mental não possa encontrar
ou, antes, construir por si mesmo,
algum tipo de harmonia relativa,
mas não pode torná-la estável
porque está sob a pressão do espírito.

O ser humano é obrigado,
por um Poder dentro de si,
a ser um trabalhador
mais ou menos cômico
de sua própria evolução,
que o conduzirá à
mestria de si
e ao autoconhecimento.

18

A supramente em sua ação, ao contrário,
tem como base a unidade,
a harmonia e uma ordem inerente.

No início, quando a pressão do alto age na mentalidade,
essa harmonia não é percebida,
e um fenômeno contrário pode aparecer
por algum tempo.

As causas são diversas.
Primeiro, pode haver uma perturbação,
mesmo uma desorganização,
criada pelo impacto desse poder maior,
de difícil mensuração,
em uma consciência inferior
incapaz de responder a isso de maneira orgânica
ou, talvez, nem mesmo capaz de suportar a pressão.

19

O próprio fato da atividade simultânea, e ainda não coordenada,
de duas forças bem diferentes
(sobretudo se a mente insistir em seus próprios métodos,
se tentar, de maneira obstinada ou violenta,
aproveitar-se da supramente
em lugar de dar-se a ela, aos propósitos dela,
se a mente não for passiva o suficiente
e de todo obediente à guiança superior)
pode provocar um grande estímulo ao poder,
mas também um aumento de desordem.

É por essa razão que uma preparação prévia
e uma longa purificação
– quanto mais completa, melhor –
uma tranquilização e, de maneira geral,
a passividade de uma mente calma e fortemente aberta ao espírito,
são indispensáveis ao loga.

20

Ademais, a mente
 – habituada a funcionar dentro de certos limites –
 pode tentar supramentalizar-se
 em uma outra linha de suas energias.

Ela pode desenvolver um poder considerável
 de pensamento e conhecimento intuitivos
 semissupramentalizados,
 mas a vontade pode permanecer não transformada
 e fora de harmonia com esse desenvolvimento
 semissupramental e parcial da mente pensante;

e as outras partes do ser também,
 o ser emocional e o ser nervoso
 não seriam regenerados,
 ou poderiam mesmo degradar-se.

21

Ou pode ser que haja
 um desenvolvimento muito grande da vontade intuitiva
 ou de uma vontade fortemente inspirada,
 mas sem elevação correspondente da mente pensante
 ou do ser psíquico e emocional,
 ou apenas o tanto que seja indispensável
 para não obstruir por completo a ação da vontade.

A mente emocional e psíquica
 pode tentar se tornar mais intuitiva e supramentalizar-se
 e, em grande medida, conseguir,
 mas, ainda assim, a mente pensante permanecer comum,
 pobre em substância e obscura em sua luz.

Pode haver um desenvolvimento da capacidade intuitiva
 no ser ético ou no ser estético,
 mas o resto permanecer muito semelhante ao que era.

22

Essa é a razão da desordem frequente ou da unilateralidade
que observamos no indivíduo de gênio,
no poeta, no artista, no pensador, no santo ou no místico.

Uma mentalidade que é intuitivizada só de maneira parcial
pode, fora de sua atividade especial,
apresentar uma aparência de uma harmonia e de uma ordem
muito menores que as de uma mente intelectual altamente desenvolvida.

Um desenvolvimento integral é necessário,
uma conversão total da mente,
senão, a ação será a de uma mente que usa o fluxo supramental
para seu próprio benefício e em seu próprio modelo,
e isso é permitido para o propósito imediato do Divino no ser,
e pode mesmo ser considerado como um estágio suficiente
para um indivíduo no curso de uma única vida;
mas é um estado de imperfeição
e não a evolução completa e vitoriosa do ser.

23

Contudo,
se houver um desenvolvimento integral da mente intuitiva,
perceberemos que uma vasta harmonia
começa a pousar seus alicerces.

Essa harmonia será de um outro tipo,
diferente daquela criada pela mente intelectual
e, de fato, é possível que não seja facilmente perceptível
ou, se for, não será inteligível para o indivíduo lógico,
porque ela não chegou ao processo mental dele,
nem pode ser analisada por esse processo.

Essa será uma harmonia da expressão espontânea do espírito.

24

Assim que nos elevamos da mente à supramente
essa harmonia inicial é substituída por
uma unidade mais vasta e mais integral.

Os pensamentos da razão supramental
encontram-se, compreendem-se e organizam-se
em uma ordem natural,
mesmo quando vêm de direções de todo opostas.

Os movimentos da vontade,
que estão em conflito na mente,
encontram na supramente seu lugar certo
e a relação justa entre eles.

Os sentimentos supramentais também descobrem suas afinidades
e se organizam em um acordo e harmonia naturais.

Em um estágio mais alto,
essa harmonia se intensifica e tende à unidade.

25

O conhecimento,
a vontade,
os sentimentos
e tudo o mais
se tornam um único movimento.

Essa unidade alcança sua completude maior
no plano mais alto da supramente.

A harmonia e a unidade são inevitáveis
porque na supramente a base é o conhecimento,
cuja característica é o autoconhecimento,
isto é,
o conhecimento do self em todos os seus aspectos.

A vontade supramental é
a expressão dinâmica desse autoconhecimento;

26

os sentimentos supramentais
são a expressão da alegria luminosa do self,
e tudo o mais, na supramente,
é parte desse único movimento.

Em sua extensão mais alta
esse conhecimento se torna
algo mais vasto do que
aquilo que chamamos conhecimento:

aí, é o divino em nós
quem percebe de maneira integral e essencial
– é seu ser, sua consciência, seu Tapas, sua Ananda –
e tudo é o movimento
harmonioso,
unificado,
luminoso
dessa única existência.

27

Esse conhecimento supramental não é,
em primeiro lugar ou em essência,
um conhecimento pelo pensamento.

O intelecto considera que
ele não conhece as coisas
enquanto não reduz sua percepção delas
aos termos do pensamento, isto é,
enquanto não as puser em
um sistema de conceitos mentais representativos;

esse tipo de conhecimento
torna-se mais decisivo em sua completude
quando pode traduzir-se em palavras
claras,
precisas,
definidoras.

28

É verdade que
 a mente chega a seu conhecimento
 sobretudo pelos vários tipos de impressões,
 a começar pelas impressões vitais e sensoriais
 até elevar-se às impressões intuitivas,
 mas essas são tomadas pela inteligência desenvolvida
 apenas como dados
 e, em si, elas lhe parecem incertas e vagas,
 até que ela as force
 a ceder todo o seu conteúdo ao pensamento
 e até que ocupem seu lugar
 em algum enunciado intelectual
 ou em uma sequência
 de pensamentos ordenados.

29

Também é verdade que há um pensamento e uma fala
 que são mais sugestivos que definidores
 e, a seu modo, têm um poder e uma riqueza de conteúdo maiores,
 e esse tipo de pensamento ou de fala está no limiar da intuição;
 porém, há ainda no intelecto uma demanda para
 separar o conteúdo intelectual exato dessas sugestões
 e classificá-las em uma sequência e relação claras
 – e, até que isso seja feito, ele não se satisfaz
 e sente que seu conhecimento não é completo.

O labor do pensamento no nível do intelecto lógico
 é isso que, em geral, lhe parece o melhor para organizar a ação mental
 e dar à mente um sentimento de definição clara,
 de segurança e de completude,
 em seu conhecimento e em sua utilização do conhecimento.

Nada disso é, de modo algum,
 a verdade do conhecimento supramental.

30

Também é verdade que há um pensamento e uma fala que são mais sugestivos que definidores e, a seu modo, têm um poder e uma riqueza de conteúdo maiores, e esse tipo de pensamento ou de fala está no limiar da intuição; porém, há ainda no intelecto uma demanda para separar o conteúdo intelectual exato dessas sugestões e classificá-las em uma sequência e relação claras – e, até que isso seja feito, ele não se satisfaz e sente que seu conhecimento não é completo.

O labor do pensamento no nível do intelecto lógico é isso que, em geral, lhe parece o melhor para organizar a ação mental e dar à mente um sentimento de definição clara, de segurança e de completude, em seu conhecimento e em sua utilização do conhecimento.

Nada disso é, de modo algum,
a verdade do conhecimento supramental.

31

A supramente conhece da maneira mais completa e segura não pelo pensamento mas por identidade, por uma percepção pura da verdade essencial das coisas no self e pelo self, *atmani atmanam atmana*.

Adquirimos o conhecimento supramental no mais alto grau quando nos tornamos uno com a verdade, uno com o objeto do conhecimento; a satisfação supramental e a luz integral alcançam seu grau máximo quando não há mais divisão entre o conhecedor, o conhecimento e o conhecido, *jnata, jnanam, jneyam*.

Vemos a coisa conhecida não como um objeto fora de nós, mas como nós mesmos ou como parte de nosso self universal, contida em nossa consciência mais direta.

32

Essa identificação conduz ao conhecimento mais alto e mais completo; pensamento e fala, para a supramente, são formas inferiores, são representações e não essa posse direta no interior da consciência, e, de fato, se o pensamento não estiver impregnado da percepção espiritual, tornar-se-á uma diminuição do conhecimento.

Pois, a supor que se trate de um pensamento supramental, ele seria ainda uma manifestação parcial de um conhecimento superior que existe no self, mas que, por agora, não está presente na consciência diretamente ativa.

Nas regiões mais altas do infinito não há nenhuma necessidade de pensamento, porque tudo é experienciado espiritualmente, em continuidade, em uma posse eterna e com uma clareza e completude absolutas.

Pensamento é apenas um meio de manifestar e apresentar de maneira parcial o que está escondido nesse conhecimento superior autoexistente.

33

De fato, essa suprema maneira de conhecer não será possível para nós em sua extensão e medida completas até que passemos através de muitas gradações da supramente e nos elevemos àquele infinito.

Porém, mesmo assim, à medida que o poder supramental emerge e amplia sua ação, algo dessa maneira superior de conhecimento aparece e cresce, e mesmo as partes do ser mental, à medida que se intuitivizam e supramentalizam, desenvolvem cada vez mais uma ação correspondente em seu próprio nível.

Há um poder crescente de identificação com todas as coisas e com todos os seres que são objetos de nossa consciência – identificação vital, psíquica, emocional, dinâmica e outras – e essas transcendências da consciência separadora trazem com elas inumeráveis formas e meios de conhecimento direto.

34

